

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REVISÃO DE COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CPI DOS MEDICAMENTOS		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0407/00	DATA: 03/05/00
INÍCIO: 15h51min	TÉRMINO: 17h6min	DURAÇÃO: 1h15min
PÁGINAS: 42	QUARTOS: 8	
REVISORES: ROSA ARAGÃO, TATIANA		
SUPERVISORES: MARIA LUIZA, ESTELA, GRAÇA		
CONCATENAÇÃO: GILZA		

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Depoente ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Depoente GENILDA PEREIRA RANGEL - Depoente MARCELO CORREA DA SILVA - Depoente EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Depoente

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos

OBSERVAÇÕES
Transcrição <i>ipsis verbis</i> . Reunião da Subcomissão. Há oradores não identificados. Há intervenções inaudíveis. Há expressões ininteligíveis e inaudíveis. DEF - Pág. 38. Não foi possível checar a grafia correta da sigla acima citada.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Declaro aberta a reunião da Subcomissão, composta pelos Deputados Carlos Mosconi, Robson Tuma e Luiz Bittencourt, aqui ampliada com a presença do Deputado José Borba, convidando também o Delegado Paulo Tarso, da Polícia Federal, para colher depoimentos sobre a diligência realizada na Cidade de Uberlândia, quando, mediante denúncias de fabrico, falsificação e comercialização irregular de medicamentos, a CPI levantou documentos e aprovou um requerimento, por unanimidade, para ouvir os seguintes depoentes: Eduardo Brasileiro de Miranda Rangel, Élcio Pereira Martins, Genilda Pereira Rangel, Helvécio Miranda Rangel e Marcelo Correa da Silva. Eu convido os senhores depoentes para ocuparem aqui as primeiras cadeiras desse plenário. Consulto os depoentes também, se quiserem-se fazer acompanhar de seus advogados... O Sr. Eduardo Brasileiro de Miranda Rangel, o Sr. Élcio Pereira Martins, a Sra. Genilda Pereira Rangel, o Sr. Helvécio Miranda Rangel e Marcelo Correa da Silva. Eu informo aos senhores presentes que já temos aqui a qualificação assinada, dizendo aos senhores depoentes que fazem as declarações aqui sob juramento e que qualquer omissão ou inverdade incorrerá em pena prevista no Código Penal. Vamos estabelecer um roteiro inicial eu, é, consulto os senhores depoentes se têm alguma coisa a declarar. Concedo a palavra ao Sr. Eduardo Brasileiro de Miranda Rangel. O Sr. Élcio Pereira Martins, Sra. Genilda Pereira Rangel, Sr. Helvécio Miranda Rangel não têm nada a acrescentar, nada a declarar? O Sr. Marcelo Correa da Silva. *(Pausa.)* Eu passo a palavra ao Dr. Paulo Tarso para as primeiras perguntas.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Bem, a primeira pergunta eu dirijo pro Sr. Helvécio Romeiro de Miranda Rangel. É o senhor, né? Eu gostaria de saber qual é o relacionamento que o senhor mantém com o Sr. Valter Peracchi?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Pediria ao depoente para falar ao microfone.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Nós tínhamos, eu tô um pouco rouco, nós tínhamos uma empresa em sociedade, mas, é, eu me desliguei da empresa a qual eu montei juntamente com ele. E atualmente nós não temos nenhum vínculo comercial mais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Mas o senhor mantém algum contato social com ele, sabe onde ele vive no momento, telefone, endereço, essas coisas?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - O telefone dele eu sei o telefone dele, mas no momento eu não tenho assim tido contato com ele, de algum tempo já.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E ele reside aonde?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Reside na Cidade de São Paulo.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - São Paulo, né? Tá certo. *(Ininteligível.)* Sr. Helvécio, o senhor já foi processado antes ou indiciado em algum fato criminoso antes desse episódio recente de Uberlândia?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, senhor, processado nunca fui, não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Mas o senhor já teve algum problema antes com a polícia em relação a medicamentos?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Com a polícia também não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, senhor.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Eu fui informado que o senhor teve um problema em 1993.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Aquilo foi num, foi com, não foi com a polícia, foi com a Vigilância Sanitária.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Certo, mas foi a respeito de quê?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - De medicamentos. Eu tinha uma distribuidora de medicamentos e naquela época ela, é, foi dito algumas coisas e depois num, num teve mais nada.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Num teve mais nada?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, eu fui absolvido.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E, tá certo. Como é que o senhor explica a compra, a importação de uma máquina da Itália, que custou mais

ou menos quase 300 mil dólares, né, que seria destinada... Quem é que foi responsável pela importação dessa máquina encapsuladora?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Essa máquina foi nós mesmos que ... Ela foi, é, comprada por 40 mil. É, foi dito realmente na imprensa que havia uma máquina que custou 300 mil, mas ela custou 40 mil. Tem toda a documentação dela, que ela foi realmente comprada legalmente, foi feita a importação dela, da, da, se não me engano, da Romaco, de Bolonha, na Itália.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá certo.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Mas tem toda a documentação dela, de importação. Foi 40 mil, não foi como dito 200 mil, 300 mil, não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E daí por que que ela ficou é guardada num depósito, não foi instalada na Quimioterápica?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É porque nós estávamos fazendo a mudança na planta da Quimioterápica e nós tínhamos que mudar umas paredes pra poder ampliar. O local onde tem uma máquina de encapsuladeira é um local pequeno, então, nós guardamos num outro local, um depósito que era da Sidone. Então, essa máquina estava ali depositada, mas ela nunca chegou, não tinha sido usada ainda. Posteriormente, com os diversos novos produtos da Quimioterápica, que seriam em torno de duzentos, porque já tem oitenta registros, a Quimioterápica no Ministério da Saúde. Então, certamente iríamos precisar dela pra produção de produtos.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. O senhor nega a participação da Quimioterápica e do Laboratório Sidone nos produtos apreendidos na Chácara Panorama, não é?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, comercialmente, ligação, não tem ligação nenhuma.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não tem ligação nenhuma, né?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não. A Sidone vendeu produtos pra, pra, pra lá, onde se fazia a distribuição.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Fica lá na Chácara Panorama?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Ficou alguns produtos (*ininteligível*) ficaram lá.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá, a chácara era, é propriedade do senhor, não é?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É, eu aluguei pra uma pessoa, com o nome de Carlos Augusto.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Carlos Augusto dos Santos. E, onde é que se encontra o Carlos Augusto?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Em São Paulo também.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Trabalha em São Paulo?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É, em São Paulo.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor tem contrato de locação com ele?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Tenho sim, senhor.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Da chácara?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Tenho.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E o senhor mantém contatos regulares com ele? O senhor pode declinar o endereço onde ele se encontra, o telefone?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não. Atualmente, não. Quase não tinha ligação com ele. Mesmo anteriormente, há algum tempo atrás, quase não tinha ligação com ele. Mas ele... ainda mora na cidade de São Paulo, Capital. Ou pelo menos morava lá.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá certo. (*Pausa.*)Sr. Helvécio, por que que a empresa lá, a Quimioterápica, tá no nome do seu irmão Eduardo e da.... da sua mãe?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Quimioterápica, eu já trabalhei com ela no passado, e nós adquirimos do meu tio, Nilson Piretti, o qual, ele foi proprietário durante quase trinta anos, dela, desde a década de 70, do início da década de 70. E então eu comprei... é... essa empresa há três... cerca de três anos atrás. E nesses três anos nós podemos... pudemos trabalhar bastante e conseguimos fazer... de obter alguns registros a mais, também, por ela. E depois eu me desliguei o ano passado e fiquei... é... é... dedicando mais à parte administrativa da Quimioterápica. A empresa sempre sendo legalizada, com... Eu trouxe até a

documentação dela aqui também. Ela tem... tem oitenta registros, e estava em processo de liberação. Foi... em janeiro mesmo foi liberado três... um produto com três apresentações, ou seja, três registros, e posteriormente estava sendo... aproximando a liberação das... Cumprimos as exigências do Ministério da Saúde, da Secretaria de... de... da... da Divisão de Medicamentos, e hoje não são mais. Inclusive, recebemos... é... da Vigilância Sanitária cerca de vinte produtos para serem... serem deferidos, os quais estão aqui, mas aguardando somente a... a desinterdição da empresa. É... esses produtos encontram-se em fase avançada de pesquisa pela Vigilância Sanitária, e assim que tiver o laudo de inspeção da Vigilância Sanitária local... é... a completa desinterdição, esses produtos poderão ter o registro. Mas a gente tem notado que em Uberlândia o pessoal tem dado... nos dado muita dificuldade. Tem... É como se a gente estivesse remando contra a maré, porque quando nós... é... nós compramos a Quimioterápica... é... demorou dois anos, ela com 80 anos, aliás, 77 anos de atividades, a qual eu tenho aqui o contrato social original... é... ela tem registro de 1921. Aliás, no Brasil não tem nenhuma empresa de indústria farmacêutica que tenha registro de 1921, como ela tem. Aqui, eu tenho até os originais aqui, trouxe dos dois produtos. Então... é... foi dois anos pelejando, pelejando, pra eles liberarem. Então, parece que é uma... uma... uma briga pessoal, uma dificuldade muito grande. Infelizmente, eu estava no lugar errado. E... é... eu esqueci qual a pergunta. Acho que eu desviei um pouquinho da pergunta. Desculpa.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Sim, eu havia perguntado por que o nome do... por que o senhor...

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Ah, sim!

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES -não constava da sociedade da Quimioterápica com o Eduardo e a sua mãe.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Então... Voltando a falar, então, durante dois anos... Ela foi liberada em 23 de abril de 99, o ano passado. Nesses poucos meses que ela teve em... em... em funcionamento nós pudemos produzir doze produtos, embora tenha oitenta registros, nós fizemos doze produtos.

(Intervenção inaudível.)

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá e...

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Eu preferi ficar na... na... na... na administração da empresa.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. O mesmo ocorreu com a empresa Sidone, né, que consta como sócio-proprietário o Sr. Eduardo Rangel, que é seu irmão, né?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Meu irmão.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E a Vitta Participações, cujo dono é o Valter Peracchi, né?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Peracchi. Justamente.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O que que o senhor sabe da Vitta? Qual é a participação efetiva da Vitta mesmo nesses negócios de Uberlândia?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Vitta?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - É.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Vitta... é... segundo eu sei, é a empresa que construída, né, o Valter faz parte dela. Então, essa empresa, ela... o Valter colocou ela — ele é... ele é o proprietário dela —, colocou ela como sócio da Sidone.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Sr. Helvécio...

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Sim, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - ...pediria que o senhor falasse um pouco mais próximo do microfone pra efeito da gravação e da audiência.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Ah, tá! Então, o Valter é sócio da Vitta. E a Vitta, no que me consta, eu não entendo muito dessas coisas, mas me parece que é uma firma de **off-shore**, que nem sei... que nem sei nem pronunciar o nome.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá, e o que o senhor sabe sobre a empresa Medwil, de São Paulo?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Medwil é a empresa que... ela pertence também ao Valter. e ela está lá... está lá... estava instalada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e estava sendo transferida pra Uberlândia também. A Medwil, empresa de alimentos. Ela produz alguns produtos, alguns quelatos, alguns minerais que... e alguns produtos alimentícios também. Produtos matinais e de supriedade também, produto registrado no Ministério da Saúde. Ela tinha cerca de, se não me falha a memória, doze registros de produtos.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. E o senhor ouviu falar na empresa Beauty Brasil?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Beauty Brasil é uma distribuidora... é... em São Paulo, que comercializa... assim, o pouco que eu sei dela... não fui em São Paulo, não participei de nada da Beauty, né, ela participa... ela vende alguns produtos.... é... farmacêuticos, alimentícios, e algumas coisas também pra... indústria de beleza também.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. A Quimioterápica já fez alguma remessa de... de... desses produtos?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Pra Beauty?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Pra Beauty?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Deixa-me ver. Não. A Quimioterápica ainda não fez, não. Parece que quem fez foi a Sidone.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor tem contrato de distribuição exclusiva... A Quimioterápica tem contrato de distribuição exclusiva com a distribuidora Costa Park, né?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Sim, a Quimioterápica, ela vende pra quem queira comprar, mas... e também pra... pra... pra Costa Park também.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E quem são os proprietários da Costa Park?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Costa Park, ela é administrada pelo Sr. Cláudio.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E...

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Cláudio Henrique.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. Consta na informação que nós levantamos que essa Costa Park é uma empresa que tem uma outra empresa que é proprietária dela, que tá sediada no Uruguai.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É. Essa empresa, conforme falei pro senhor, é... desculpa, é umas tal de **off-shore**, que nem num entendi o que que era isso aí. E como ela funcionou pouco tempo, a Costa Park, ela tinha... ela tinha alvará da Prefeitura, da Vigilância Sanitária local, estadual, e então eles colocaram realmente nessa... nessa empresa **off-shore** que o Valter trouxe lá pra Uberlândia, né, disse que seria bom, tal, tal...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quer dizer que, que a Costa Park também foi apresentada pelo Valter... Valter Peracchi?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Foi. A **off-shore**, eu não entendo dessas coisas, a gente é mais... mais... é... mais matuto, né? Então, eu não tenho... Ele trouxe alguns **off-shore** e tal, e disse que poderia botar no nome do **off-shore**, que seria bom.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E sobre a Dover?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Dover, ela foi comprada no Rio de Janeiro também e estava em... em processo de... de... de... de liberação também, em Uberlândia. Ela tem cerca de sete registros, a Dover.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. E o senhor sabe quem... quem são os proprietários da Dover?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Dover... é... temos o Valter ... é... no caso, nesta conta, trabalhávamos juntos, então a Dover... ficou pra mim, a Dover.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Como? Não entendi.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Dover ficou sendo... é... minha.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Sua empresa?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É, nossa empresa.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. E o que que... Nós temos a informação de que a Dover pertence à empresa chamada Sabre, que tem sede nas Ilhas Virgens britânicas.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Esses são os **off-shore** mesmo, que colocaram...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Como é que... como é que funciona isso? O senhor era proprietário da Dover, né?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Sim.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E como é que ela é também propriedade de uma empresa que funciona no exterior? Como é que... como é que funciona esse mecanismo de registro dessas empresas?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Isso aí realmente eu não sei explicar pro senhor, porque simplesmente eu... eu assinei como fosse procurador dessa... dessa **off-shore**.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor assinou a mando de quem? Quem mandou o senhor assinar essa papelada?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, não foi assim a mando, né? Foi idéia..

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - É, por orientação.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É, orientação do Valter, que colocasse o nome da, da **off-shore**, mas simplesmente eu....

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor já fez alguma remessa de... de dinheiro pro exterior, pra essas empresas?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, jamais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor remetia alguns valores pro Valter Peracchi?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, também não. Essa empresa nunca mandou... nunca teve conta fora, nem no Brasil, em lugar nenhum. Nunca mandamos nada, nada. Nunca mandei nada.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Mas a Dover foi registrada em Uberlândia, né?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Uberlândia, sim. Uberlândia. Tava em processo de transferência pra Uberlândia.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quero fazer uma pergunta pro Seu Élcio. Seu Élcio, quem era a pessoa que mandava o senhor lá na Chácara Panorama pra fazer aquele transporte das mercadorias que foram apreendidas?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - A Genilda. Tem que falar de novo?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Pode falar.

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - É Genilda.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Foi a Sra. Genilda, né? Ela era sua patroa?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E ela... ela ficava lá na chácara também, na... na manipulação de medicamento?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não. E o que que funcionava efetivamente na chácara?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Lá...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Qual era o trabalho que o senhor desenvolvia na Chácara Panorama lá, com os demais empregados?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, eles lá só envasavam.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Encapsulavam, né?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Enchiam... é... os frasquinhos.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor tinha algum vínculo empregatício com a... com a Genilda ou com... com o esposo dela, o Eduardo?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não? E por que então o senhor trabalhava pra eles? Como é que era feito...

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Ah, se eu vendia... é...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor recebia o salário da Dona Genilda?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Ah, recebia.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual o valor do salário que o senhor recebia?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Quinhentos reais.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Carteira assinada?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor... Qual... qual era a função do senhor?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - A minha função era transportar... é... esses frasquinhos já envasados para a embalagem, que era o outro local.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Então, qual local?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - É... Marcos....

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual endereço?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Marcos Borges Miranda. Marcos Borges Miranda.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Rua Marcos...

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Rua Marcos Borges Miranda, 602.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Era uma casa?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Uma casa, uma casa.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E o que que funcionava nessa casa?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Lá funcionava a embalagem desses produtinho que ia envasado, né?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor sabia o que que o senhor tava transportando?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Sabia que era produto pra emagrecer.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor não tinha nenhuma desconfiança que poderia ter alguma coisa irregular?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, a desconfiança, não.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quantos anos o senhor tem?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Trinta e dois.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Trinta e dois anos? O senhor ia lá, pegava o produto, levava pra casa, como se aquilo fosse uma coisa completamente normal?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, não é assim, né?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Tinha nota fiscal do produto que o senhor transportava?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Tinha controle de segurança?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Tinha alerta de perigo?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual o... qual o volume de produtos o senhor transportava por dia?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, não era todo dia que eu transportava esses produto.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E quando o senhor não transportava, o senhor trabalhava onde?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Geralmente, no mesmo local. Nos dois locais.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor trabalhava também no produto químico, envasando, fazendo o produto químico?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Fazendo o medicamento?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, não, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Como é que o senhor sabia que era produto pra emagrecer?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Ele que me falava que era.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Mas o senhor disse que não sabia o que que o senhor tava transportando.

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não lembro se eu falei isso.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor transportou antibiótico? Tetraciclina?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, não me lembro.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual a diferença de uma cápsula de tetraciclina pra uma cápsula de um remédio de emagrecer?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - O de emagrecer, que eu lembro, a diferença... não sei. O tamanho?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Durante quanto tempo você fez esse trabalho?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Durante mais ou menos um ano e pouco.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor afirmou lá no... no depoimento que o senhor deu à Polícia Civil, lá em Uberlândia, que também levava os produtos para a transportadoras, para serem distribuídos. Certo?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Certo.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Queria saber: qual era a destinação? Distribuía pra quem? Pra quem eram enviados esses produtos?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Olha, eu pegava a mercadoria, despachava na transportadora, mas eu não me lembro assim pra quem, pra quem que era assim, pra qual destino era, né? Não lembro.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Com que frequência o senhor levava esses produtos para a transportadora? Era... quantas vezes por dia...

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, uma vez por dia. Não mais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor disse também, lá no termo de declaração, que tem conhecimento que os remédios são... são irregulares, mas não sabe que são falsos. Então, o senhor sabia? O senhor confirma essa declaração que o senhor deu perante a Polícia Civil? O senhor tinha conhecimento que os... que os medicamentos eram irregulares, mas que não sabia que eram falsos?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - É, sim.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Se era irregular, por que que o senhor então não denunciou? Continuou trabalhando para a Sra. Genilda?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Eu não sei responder pro senhor.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Essa... esse produto lá, eles tinham.... que relação que mantinha esse produto fabricado com a Quimioterápica e com a Sidone?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Nenhuma.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Nenhuma?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Nenhuma.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Embora seja a Dona Genilda esposa de Eduardo, que é proprietário da Quimioterápica e da Sidone, mas não havia nenhum vínculo na fabricação desses produtos com... com essas duas empresas?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quer dizer que nenhum desses produtos fabricados lá eram remetidos pra essas duas empresas?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, senhor.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Era... eram sempre entregues para serem... pra outra...

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Isso. Era sempre na... naquela casa, né, que eu mencionei, né? De lá distribuía.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Pra essas empresas que o senhor não lembra...

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, é. Aí, já não... despachava na transportadora, já não lembro mais pra... pra quem...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor falou pro Deputado que o senhor ficou mais ou menos um ano trabalhando na Chácara Panorama?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Mais ou menos. Isso.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Nesse período, era o senhor e mais quantos? Mais quantas pessoas trabalhavam lá...

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Mais...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - ...manipulando esses medicamentos?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Que manipulavam, mais uns três.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Qual era a produção assim diária, mais ou menos, de... de... de produtos, desses produtos? Qual era a produção, o volume diário de produção?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Olha, não sei falar pro senhor, não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Eram caixas?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Caixas?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - É, o senhor fazia produto em... líquido, em cápsula, em drágeas?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Ah...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quero ter uma idéia do volume que era produzido por dia.

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, o volume eu não sei falar pro senhor. Mas era líquido, né, e cápsulas. Esses dois.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - A chácara... é... onde o senhor buscava mercadoria, ela tinha uma nítida característica de uma unidade que estava funcionando clandestina. O muro era alto, as janelas eram fechadas. O senhor percebia isso?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Percebi que tinha o muro, né? Porém, não... não toda fechada, né? Só um lado, de frente.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor sabia que era uma atividade clandestina? Tinha consciência disso?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Eu tinha, até o ponto...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Tinha ou não tinha?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Por favor, a pergunta de novo.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor tinha consciência que era uma atividade clandestina? A cidade inteira sabia que o senhor estava fazendo aquele trabalho lá?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - É... não.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Era escondido?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Era, né?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Tinha recomendação pra... pra fazer o trabalho escondido? A Dona Genilda recomendava que fosse feito escondido o transporte do produto?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Era. Tinha que ser, sim.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Tinha que ser escondido?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - É, porque não tinha nota, né. Falava assim...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quais as outras orientações que o senhor recebia pra transportar esse produto?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, não tinha orientação. Era... era transportar. Não tinha orientação assim...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - A Kombi, era você que dirigia?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Era.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Sempre você, ou tinha algum auxiliar?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não, só eu.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Queria falar com a Dona Genilda. Dona Genilda... é... eu queria que a senhora me dissesse assim... qual foi a participação da senhora, realmente, nesse episódio agora relatado pelo Sr. Élcio, em relação à contratação dele e à fabricação desses produtos dentro da Chácara Panorama?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, ele não disse que foi contratado por mim, não. Ele falou que eu mandava ele, né? Certo?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. E quem contratou ele?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Tá? Ele só... né? Você não perguntou para ele quem foi que contratou.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Sim, ele confirmou que foi a senhora...

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Se você quiser perguntar, pode perguntar.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Ele confirmou que foi a senhora que contratou.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não. Eu não ouvi isso dele, não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quem contratou o senhor? Aperta, por favor, o...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quem contratou o senhor?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Carlos Augusto.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quem dava o dinheiro para o senhor? O senhor recebia de quem?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Eu recebia bancário, conta.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quem é que depositava o dinheiro?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não sei informar pro senhor. Ele tava na minha conta.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Nunca teve a curiosidade de saber quem é que depositava 500 reais na sua conta, todo mês?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Uai, o Carlos, né? Eu imagino...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Sem carteira assinada, sem garantia trabalhista, recebendo uma ordem de uma terceira pessoa, fazer um serviço sem nenhuma certeza, nenhuma garantia? Todo mês funcionava assim?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Sim.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor já teve algum contato pessoal com o Carlos Augusto?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Já, uma vez, na contratação.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Carlos Augusto é a pessoa que alugou a chácara do Sr. Helvécio, não é isso?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - É, isso.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E ele fazia depósito todo mês pro senhor, e o senhor não teve mais contato com ele, desde a contratação?

O SR. ÉLCIO PEREIRA MARTINS - Não; contato assim, não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. Então, Dona Genilda... é... a senhora ordenava que eles fizessem o trabalho, né?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, o Carlos... ele, né? Eu fui indicada pro Carlos, através do meu cunhado. Eu tava passando uma dificuldade, assim, com meu marido, né, que a gente, infelizmente, não dá muito certo, e eu tava assim separada. Inclusive, no meu depoimento tem um endereço que não... não é o meu endereço, porque naqueles dias eu me encontrava naquele endereço. Então... é... eu falei pro Helvécio que eu tava precisando trabalhar, né? Nunca dei certo pra trabalhar junto com meu marido, né? E antes eu tive uma confecção e não tava dando certo. E aí a gente tava separado, eu passando uma dificuldade muito grande, né, financeira e também, né, com o relacionamento. Aí, eu falei pro Helvécio que eu tava precisando trabalhar, né? Um dia eu falei isso para ele. Aí, ele me indicou pra esse Carlos, né? E eu, como eu tava desempregada, né, e preciso trabalhar, aí ele marcou então comigo, né, de... de se encontrar, então, né? E como era amigo dele... ele disse, né, que conhecia e tal essa pessoa que quis alugar a chácara, né, e tal, e aí então eu fui nesse endereço, e ele me contratou pra ajudar ele, né?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O Carlos Augusto?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É. Mas, na ausência dele, eu passava as ordens que já me eram passadas antes, né? É que... ele... ele me falava: "Olha, eu tô mandando isso e isso", né? Ele me telefonava todos os dias, né, e ele... quando ele ia em Uberlândia, ele ia mais aos sábados também. Ele tinha as chaves, né, e tudo, né?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quer dizer que tudo que acontecia lá, na manipulação de medicamento na chácara, era decorrente de ordem do... do Carlos Augusto?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, porque não havia... É. Na chácara... eu fui uma vez nessa chácara, né? Então, ele falava: "Olha, eu tô mandando isso e isso", né? Então, ele passava as coordenadas e a gente fazia.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E depois que os produtos estavam prontos, a senhora mandava que o Sr. Elcio despachasse os produtos?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, aí eu falava: "Elcio, ó, isso aqui, né, é para isso e isso, né? Elcio, despachar, né?" Então...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E para onde que esses produtos iriam normalmente?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Ué, ele passava já... é... eu tinha o fax automático, né, onde eu recebia os pedidos e...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - A senhora recebia os pedidos via fax?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, via fax; fax automático. Eu não atendia o fax.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E aí fazia a embalagem e mandava entregar à transportadora?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, entregava na transportadora já direto para o cliente, né? Eu não tinha...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E esses clientes ficavam aonde? Em que cidade?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Ah, eu não me recordo, né? Vários clientes. Assim, de memória, eu não me recordo, não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Mas a maioria vinha da onde, de outros Estados?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, outros Estados; a maioria.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E quanto é que o Carlos pagava para a senhora, por mês, para a senhora...

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Seiscentos reais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Seiscentos reais?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Então, a senhora, lá, no caso, gerenciava toda essa parte a mando de Carlos Augusto?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É. Não, lá não era assim gerenciava... Na chácara, por exemplo, não tinha ninguém assim... Era... né, eu passava o serviço... Ele me passava, eu passava pra frente.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E a senhora também afirma que não havia nenhuma ligação da manipulação desses produtos com a Quimioterápica e a Sidone?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, de jeito nenhum.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quem pagava a conta de energia elétrica da chácara?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, eu passava tudo pra ele, os valores, né, direitinho, e ele deixava pra gente pagar.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Como é que a senhora passava pra ele?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Como é que eu passava? Pelo telefone; quando ele ia lá, no sábado. Mesmo durante a semana, ele já foi lá algumas vezes.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E quem é que dava ordem operacional na chácara? A dosagem, o tipo de produto que era pra ser feito?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Ele passava tudo, tudo direitinho, porque o produto já vinha pronto. Era só colocar, né? Era só envasar.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O produto vinha pronto de onde?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Vinha de São Paulo.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quem que entregava o produto lá na chácara, a senhora sabe?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não. O Élcio pegava na transportadora. Ele avisava que estava mandando o produto, e o Élcio buscava, né? Aí, eu... eu ligava... eu avisava pro Élcio que o produto tava chegando, né, e às vezes... tinha vezes que a gente nem trabalhava, porque às vezes não tinha serviço.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quantas pessoas trabalhavam na chácara?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Na chácara, três, mais o Élcio, né, que... O Élcio não trabalhava lá. Ele ia lá só, de vez em quando, pra buscar, pra levar, né?

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - A senhora nunca reparou o nome de um remetente dessa mercadoria lá pra chácara?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Do remetente?

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - É.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, o remetente... ele mandava as notas no nome da Beauty... da Beauty, né, ele mandava as notas. Vinha pela Beauty... Beauty Brasil.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Só?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Só.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Não apareceu, em nenhum momento, o nome de um outro remetente diferente?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Sempre a Beauty?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Sempre a Beauty. Era ele quem enviava, não era... não era a...

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - E, pelos comentários, a senhora sabia que isso vinha de outros lugares também. Quais os comentários, aí, a boca pequena? Lá dentro da empresa não se comentava?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, a gente pensava que ele tinha o laboratório, né, e mandava pra nós, pronto, pra gente fazer a distribuição. A gente pensava assim, porque ele também comprava outros medicamentos de outras empresas também, né, e enviava pra gente.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Mas a senhora sabia que o Carlos não era o proprietário da empresa?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, sabia que era ele. Era ele o proprietário.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Sabia que era ele?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Fui contratada por ele.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - E ele pagava o seu salário...

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Ele se apresentou como, né... Hã?

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Ele pagava o seu salário de que maneira? Ele te dava o dinheiro todo mês?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Depósito bancário também.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Também depositava na sua conta?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - E nenhuma... Quanto tempo a senhora trabalhou lá?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Mais ou menos uns oito, nove meses, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Em nenhum momento, nesses nove meses, houve a entrega do dinheiro na sua mão?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Sempre através de depósito bancário?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Sempre.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - E os outros funcionários, era o mesmo procedimento?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - A mesma coisa. Eu pegava... eu passava, né, o número da conta, eu via onde a pessoa tinha conta e passava pra ele o número de conta, né? E ele nunca... nunca atrasou com a gente, sempre ele pagava direitinho mesmo. Por isso que, né, no caso, o Élcio... Todo mundo confiava, porque ele pagava direitinho mesmo, né? A gente... O emprego tá difícil. Todo mundo achava que era um emprego como outro qualquer, né? Um emprego.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Sei. E a senhora, depois de embalado, depois de pronto, a senhora mandava pra onde esse produto?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, aí ele já passava os fax, né, com os endereços pra gente já mandar, já distribuir.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Mandava pelo correio?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, pela transportadora.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Pela transportadora?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - A transportadora era uma distribuidora só de medicamentos, ou ela...

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, não. Em qualquer transportadora que fizesse aquela região, a gente ia lá e colocava, né?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O Sr. Marcelo Correa quem é?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Sou eu.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Seu Marcelo, o senhor também trabalhava lá como empacotador, né?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Trabalhava.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Lá na chácara?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Sim.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E o senhor foi contratado por quem?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - A Genilda me indicou, né? Pediu pra mim ir, aí eu fui, no mesmo dia já comecei a trabalhar.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - É? E quanto é que o senhor recebia por mês?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Trezentos reais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Trezentos reais?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Trezentos reais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor conhece o Sr. Augusto?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - O Carlos?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - É.

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Nunca viu?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não. Eu entrei há pouco tempo, né? Naquela época, eu entrei... parece que tinha quatro meses só que eu estava trabalhando.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Tá. E, além de encapsular os remédios e embalar, que outra atividade o senhor exercia lá na chácara?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Antes?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não, lá, quando o senhor trabalhava lá na... pra Dona Genilda, lá na chácara.

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, eu só fazia só isso mesmo, né? Eu trabalhava na encapsuladeira. Às vezes, eu ajudava eles embalar, empacotar os remédios, né?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quantas pessoas trabalhavam lá com você?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Eu e mais dois. Mais... mais dois rapazes.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Faziam o que os outros dois?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Também trabalhavam lá...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quantas máquinas tinham lá?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Três.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E trabalhava cada um numa máquina, ou os três numa máquina só?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, é... nem sempre trabalhavam todos, né, porque, às vezes, o produto era pouco pra fazer, né? Então, nem sempre tava todo mundo trabalhando.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E quais eram os produtos que vocês faziam lá?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Ah, isso aí, eu não sei, né? Já mandaram pronto, né? Levavam pronto nos tonéis, né, e eles falavam pra eu passar na máquina. Eu passava na máquina, na encapsuladeira.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E você tinha recomendação de não comentar o que você fazia lá, com outras pessoas?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - É tive, mas eu acho que deve ser pra sonegar imposto, fugir, deve ser disso, pra sonegar imposto, porque eu acho que não era... não corria risco de ser ilegal, porque o ambiente, lá, eu acho que... a gente trabalhava num setor todos os dias. Era limpadão, entendeu?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Sim, mas sonegar imposto é uma atividade ilegal, né? O senhor não sabia disso também?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - É, ilegal.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Mas o senhor tinha consciência de que os remédios eram falsificados?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não... Aí, no... no depoimento...

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Não, sabia ou não sabia?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - ...no depoimento, eu falei, né?

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Não, mas, olhe, eu queria que o senhor soubesse que o senhor tá... o senhor jurou aqui falar a verdade.

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Eu falei.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Pior do que o que o senhor fez é se o senhor mentir aqui.

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Aí, complica sua vida. Então, eu quero que o senhor fale a verdade. Isso pode lhe ajudar.

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Que eu falei que eles eram falsos, eu falei, mas o delegado que estava lá no julgamento, ele falou: "Esses produtos aqui são falsos?" E eu estava com bastante medo, né, de acontecer alguma coisa de mau comigo, eu falei que era, confirmei com o delegado, com o seu delegado.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Bom, eram falsos? O senhor tinha conhecimento de que eram falsificados ou não?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, eu não sou... Conhecimento, eu não tinha, né, porque...

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Então? Eu quero que o senhor seja objetivo.

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - O senhor sabe? O senhor sabia ou não sabia?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, totalmente, eu não sabia, não.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Mas como é que é pra saber parcialmente?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Aí, eu não sei.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Por que que a...

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Você me apertou.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Por que que a Genilda pediu pro senhor não falar pra ninguém o que o senhor fazia?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Pois é. Eu acho que é devido isso.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - O que que ela falou pro senhor? Ela chamou você lá num canto, falou: olhe... O que que ela disse?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Aí, eu não me recordo.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - O senhor não se lembra?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não. Com certeza, não.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Mas o senhor se recorda que eram falsificados os medicamentos?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Bom, que eles falaram que é, é, mas eu não posso dizer se eles são falsos.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Quem que falou? Quem que falou pra você que era? Quem falou pro senhor que era?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - O delegado.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - O delegado falou?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, o pessoal que tava fazendo o depoimento lá. Eu não sei quem que era. Eles falaram...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quem eram as pessoas que entravam e saíam da chácara, durante esse período que o senhor trabalhou lá?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - O Élcio. Que eu via era o Élcio.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O Sr. Helvécio teve alguma vez na chácara?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Nunca vi.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E o Carlos Augusto também não?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Nunca vi ele. Nunca vi.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quer dizer que, de todas as pessoas que trabalhavam na chácara...

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Como?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - De todas as pessoas que, de alguma forma, estiveram na chácara, o senhor só via o Seu Élcio? Só o Seu Élcio esteve lá?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Que eu vi, era o Élcio, o Sr. Élcio, que ia lá pra levar os produtos pra gente. A gente fazia o que era pedido.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Eu só queria que a Dona Genilda me respondesse uma pergunta: quem vendia os produtos fabricados lá?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Quem vendia?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - É.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, aí, as vendas era com o Carlos. Eu não...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E esse conjunto aqui de documentos que foram encontrados lá, com endereço, praticamente... milhares de farmácias e drogarias em todo o País?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É, que ele passava, né, pra lá os endereços.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Mas esse telefone aqui não é o telefone de lá?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Da onde?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - De Uberlândia?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - É.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Mas ele não ficava lá, como é que ele ficava telefonando pras farmácias?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, ele passava... ele passava o telefone pras farmácias.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E quem atendia o telefone lá?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - O fax era automático, eu já disse. Eu recebia os pedidos, né? As informações eram todas por fax.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Mas quem confirmava o pedido?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Quem confirmava?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - É.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, ele já chegava confirmado já.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Porque não existe uma operação automática nesse sentido.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Hã.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - A senhora tem que convir comigo que, por mais que a gente tenha boa vontade, nós não vamos acreditar nisso.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Claro.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Que existe uma indústria funcionando automaticamente.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, mas ele ficava por conta. Ele tinha...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Nem as maiores empresas do Brasil conseguem funcionar automaticamente, até porque esse tipo de comercialização, de negociação... ela passa por um contato enorme. Nós ouvimos aqui as maiores multinacionais do País, as maiores distribuidoras, as maiores redes de farmácia. Todas elas têm centenas de funcionários trabalhando nessa intermediação de vendas. Agora, como é que conseguiu desenvolver um sistema onde ninguém entra no sistema, é tudo automático?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Não, não disse tudo automático. Eu recebia assim, né, dessa forma. Agora, né, vendas... isso aí não era comigo. O meu serviço era aquele. Era somente, né, organizar as entregas.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Mas por que os pedidos ou as conversas telefônicas eram direcionados pro telefone de Uberlândia? Quem que usava o telefone em Uberlândia?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Quem usava o telefone de Uberlândia? Não, eu usava o telefone. Eu usava o telefone. Às vezes, eu ligava pra ele, às vezes ligava prum cliente pra, né, pra confirmar, mas eu não fazia a venda. Sobre vendas, é com ele, não é comigo.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Eu tenho uma pergunta pro Seu Eduardo. Seu Eduardo, quantas empresas, no total, o senhor tem participação acionária, proprietária?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Duas.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quais são essas empresas?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - A Quimioterápica e a Sidone.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E o Instituto Farmacêutico Emmanuel?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Não tá no seu nome?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Não.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Eu tenho a informação que o senhor consta como sócio desse Instituto Farmacêutico Emmanuel Ltda.

(Intervenção inaudível.)

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Pode.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - O Instituto Farmacêutico Emmanuel, ele foi iniciado em 96, em janeiro... em março de 96, na Rua São Januário, 712. Então, posteriormente, no ano seguinte, nós adquirimos a Quimioterápica, e ele foi desativado, não foi trabalhado, não foi feito nada pelo Instituto Farmacêutico Emmanuel. Nem inscrição estadual não havia. Então, no lugar dele, na... na Rua São Januário, 712, aonde é a Quimioterápica hoje, era o Instituto Farmacêutico Emmanuel. Então, ele foi dado baixa. Não funcionou nem um dia.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Seu Eduardo, a gente percebe aqui que o Seu Helvécio, que é seu irmão, né, é a pessoa que sabe todos os detalhes a respeito de todo esse problema lá. Agora, por que que ele não consta como proprietário nas empresas em nenhum momento? Só consta o nome do senhor ou do Valter Peracchi, ou da empresa ligada ao Valter?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Ué, porque eu tinha comprado a... tinha comprado dele. Eu e minha mãe, certo? Eu investi. Achei que era um bom negócio. Aí, pus.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Mas, além de o senhor ser o proprietário, o senhor tem alguma...

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Não, mas eu sou proprietário, mas eu não ficava lá tomando conta, lá, assim, seis, oito horas por dia, não. Eu tinha outras coisas pra fazer também.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quer dizer que quem realmente comanda as empresas é o seu irmão?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Era o... É.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor só consta como proprietário mais **pro forma**?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Isso.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E quanto é que ele recebe de pró-labore pra trabalhar nessas empresas?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Olha...Tanto que vendia, ele pegava uma pequena porcentagem, assim...

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor não sabe nada do que acontecia na empresa? O senhor... o senhor não sabe quanto pagava, quanto a empresa tinha de lucro?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Não, lucro ele não tinha muito lucro não, porque ele tava começando agora, certo?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Quanto que o senhor pagou na empresa?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Paguei 35 mil.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E qual que é o retorno que o senhor esperava ter da empresa?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Uai, muito. O retorno era muito, né? Esperava, assim, a longo tempo, né?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual era o valor que o senhor pagava ao Helvécio, né? Eduardo, né, seu irmão?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Helvécio, Helvécio.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual que era o valor da retirada dele lá na empresa?

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Pró-labore?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - É.

O SR. EDUARDO BRASILEIRO DE MIRANDA RANGEL - Era uns 350, 400. Não sei.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor confirma isso?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - O Eduardo ficava mais... trabalhava mais na fazenda, ali perto de Uberlândia. Então, quem tomava conta na empresa era eu mesmo. Então, eu tinha a retirada de acordo com as vendas de que tinha mesmo, né? Então, não tinha uma quantidade certa. E nós, como irmãos, nós temos uma ligação muito grande. Assim, é muito ligado um ao outro. Então, nós confiamos muito um no outro. Eu confio muito no Eduardo, né? Eu acho que o Eduardo confia em mim também. Então, surgiu essa oportunidade de... de... de nós estarmos juntos nessa caminhada. Mas quem realmente administra sou eu mesmo.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E qual é o valor do faturamento que vocês tinham lá? Semanal, mensal, quinzenal? Como é que era o controle?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Na Quimioterápica, o faturamento?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Nas duas, na Sidone e na Quimioterápica.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Por exemplo, na Quimioterápica, a empresa, ela tinha poucos produtos, e ela estava aos poucos colocando no mercado alguns produtos. Então, ela não tinha um faturamento muito grande, né? E...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual o valor?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Às vezes... Por semana? Oito mil, 10 mil por semana, mais ou menos. Agora, depois que deu problema, que surgiu um tanto de pedido de produtos antimaláricos, que, no Brasil, só ela que tem, praticamente. Então...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual produto?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Sulfato de quinino, difosfato de puroquina, primaquina e alguns outros produtos também. Antimaláricos são esses três.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Qual era o principal produto que você fabricava lá?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Na Quimioterápica? Na Quimioterápica, nós tínhamos... é... já doze produtos... é...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O principal. O carro-chefe de vendas.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Ela foi liberada no dia 23 de abril do ano passado. Então, ela estava iniciando. Vendia, assim, dipirona... O Vermilen, nós vendemos pra Prefeitura de Belém 20 mil frascos. Depois, eles pediram mais 30 mil frascos do Vermilen. É um vermífugo. E recebemos pedidos também do Governo do Amazonas, de alguns produtos também do Amapá. Depois, o problema... em janeiro. Então, as nossas vendas, elas iriam crescer até o final do ano, no mínimo, 2.000%, o crescimento delas, porque nós temos oitenta registros e somente doze já estavam com os produtos acabados. Mas, desses doze acabados, nós não chegamos a comercializar todos, porque nem deu tempo né? E, se tiver oportunidade, até posso... poderia mostrar a... a documentação da...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Lá na chácara, tinha produto da Quimioterápica lá?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Na chácara, segundo consta, tinha alguns produtos da Quimioterápica.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Como que esses produtos chegaram lá? Eles eram fabricados lá?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Nós... Não, lá, não. Na chácara, não fabricava nada.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - O senhor encomendava, conforme ia precisando?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, não. Lá nunca (*ininteligível*) de produto nosso. O problema é o seguinte: o que pode ter acontecido, nós fazemos algumas doações também de produtos. Alguns produtos nós doamos pra... pra... por exemplo, pra Missão Caioá, no Mato Grosso do Sul; a Missão (*ininteligível*), em Belém do Pará... em Santarém do Pará também. Então, nós não...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Rótulo também? Porque lá na fábrica eles encontraram rótulo da Quimioterápica e da Sidone, embalagem ainda em fase de manipulação, caixas.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Mas qual é a caixa que tava lá na... na... na...

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Dipirona, tetraciclina, remédios fabricados e embalados pela Quimioterápica brasileira.

O SR. HELVÉCIO MIRADA RANGEL - Mas, fora da Quimioterápica, nunca foi feito nada.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Mas o que estava fazendo isso lá?

O SR. HELVÉCIO MIRADA RANGEL - Pode ser que eles compraram da Costa Park. A Costa Park comprava da Quimioterápica também, mas em local nenhum que não seja lá, todos os produtos da Quimioterápica são feitos...

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Mas, segundo a Genilda e o Élcio, lá chegava só produto pra ser envasado. Não chegava produto de outro lugar. Por que que tinha esse tipo de produto lá?

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Na chácara? Não, na chácara, eu não sei dizer pro senhor, não. Não é do meu conhecimento, não. Agora, lá na rotulação, que é onde eu ficava, tinha lá algumas dipironas. Não é quantidade grande, não, porque eu já disse que o Carlos, ele comprava de outras empresas também, outras distribuidoras, né?

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - E tinha dipirona da Quimioterápica?

(Não identificado) - Marcelo.

A SRA. GENILDA PEREIRA RANGEL - Tinha alguma coisinha só. Essas dipironas, porque, assim, no dia, foi muita atribulação, muita... né? Foi uma coisa, assim, tenebrosa, né? Então, eles falaram que encontrou muita dipirona, né? Não, lá não tinha... Tinha pouquinha dipirona, que eu, né, me recordo, que eu acho que essas dipironas... tinha uns moderninhos pequeninhos, que eu ganhei do meu marido, pra dar pros meninos, né, que trabalhava comigo. Era pouquinha coisa.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Deixa eu perguntar pro Marcelo aqui. Lá fabricava produto pra Quimioterápica e pra Sidone?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Dipirona?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Nunca fiz.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - E os outros que trabalhavam com você lá?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, aí eu não sei te dizer, né, porque eu cheguei lá pra trabalhar e já estavam lá.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Você nunca viu rótulo, embalagem de outra empresa lá?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não. Não, é... Tinha a tetra, né? Que eu vi... a tetra estava lá, mas, aí, eu não tenho explicação.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Quem que você... o nome da pessoa que o senhor falou aí?

O SR. MARCELO CORREA DA SILVA - Não, a fala é... que eles encontraram tetraciclina lá, né? Mas eu não sei por que estava lá. Aí, eu não tenho como explicar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - O faturamento do senhor, somado ao do seu irmão, dava quanto por mês?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - O faturamento, por mês, da Quimioterápica?

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - É. O senhor tinha uma organização, não tinha? Mas está lá um controle ou num caderno, ou seja lá como for: conseguimos vender tantos mil reais. Quantos seriam da Quimioterápica? Ou da Sidone, por exemplo? Já que há muita confiança, então, estaria, sem dúvida, na sua mão.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Certo. O faturamento da Quimioterápica foi o que eu falei, faturava um... não faturava muita coisa, né? Seis mil, 10 mil por semana, no máximo. E da Sidone era um pouco mais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Quanto esse mais?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Poderia ser, por semana, quiçá 10 mil, 12 mil por semana. Não tenho aqui esse número em mãos aqui.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Daria então... A Sidone daria um faturamento de 48 mil; e o senhor, cerca de 25, 26 mil. Somaria 74, 75 mil reais/mês de... O controle não era do senhor?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Até o final do ano passado, era meu, o da Sidone. Depois, passou pro Valter Peracchi. Mas... é... eu não tenho aqui, exatamente, o faturamento de quanto que era da Sidone. Eu posso lhe afirmar...

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Mas o senhor já deu uma noção: cerca de 48 mil reais/mês.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Talvez nem isso...

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - A folha de pagamento da Sidone era quanto? Quantos funcionários vocês tinham?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Sidone tinha... não tinha muitos funcionários. Tinha farmacêutico, tinha o pessoal que envasava...

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Que era o senhor que cuidava, sem dúvida, pela informação e pela confiança. Quanto o senhor cuidava, o senhor tinha quantos funcionários por sua conta lá?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Sidone...

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - O irmão cuidava da fazenda, segundo o senhor me falou.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Na Sidone, quantos funcionários tinha?

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - É.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Lá mesmo tinha uns... tinha o farmacêutico, tinha o pessoal que envasava o produto da limpeza. Então tinha ... Não tinha meia dúzia de funcionários, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Custava quanto esses funcionários, por mês?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Por mês?

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - É.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - O farmacêutico me parece ganhava 800 reais, o pessoal interno em torno de 300 reais, 500 reais, 400 reais por mês; o pessoal da Sidone.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - O senhor fazia a distribuição desse dinheiro? Ficava na ... em que conta bancária? Ficava só no seu caixa? Como é que o senhor trabalhava com isso?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - O senhor fala da Sidone?

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - É.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Sidone...

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Juntamente com a fisioterapeuta, que era do senhor, não é isso?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Vocês tinham um caixa único? Trabalhavam só dentro dessa...

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É, um caixa dela mesma, né? Da Sidone mesmo, o caixa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - O senhor tinha uma contabilidade separada? Essa é da Sidone, essa é da fisioterapeuta?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Ah, é separada. Era conta separada.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - O senhor tem a declaração de renda? Vocês são sócios em fazendas também?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Não? Cada um tem a sua fazenda, cada um tem sua casa, cada um tem sua empresa? O senhor tem as suas declarações de Imposto de Renda separado?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Separadas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Separado?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A fazenda, na verdade, é do meu pai. Não é nossa, não. Meu pai que permitiu que nós pudéssemos tocar nela.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Tem outras propriedades, além da fazenda, ou não?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Tem. Tem terreno, tem casa.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Em seu nome?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - No meu nome.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Somando isso que o Deputado perguntou ao senhor, deve dar mais ou menos aí um faturamento, entre as duas, do quê? De um 600, 700 mil reais/ano? Daí para cima, né? O senhor tem isso legalizado? Declaração de Imposto de Renda?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Tem tudo no Imposto de Renda.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - É? Embora vendesse sem nota, ou senhor vendia com nota?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Vendia com nota. É...

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Nota quente ou nota fria?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Nota quente.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - É?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Nosso material foi tudo sempre certinho.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Toda a sua produção o senhor vendia com nota?

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Como é que faz? O senhor dava entrada... Como é que entrava a matéria prima aí?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, ela entrava com nota fiscal. Mas eu não vou afirmar aqui que toda venda, no caso da Sidone, era com nota fiscal, direitinho.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - E da Quimioterápica?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Da Quimioterápica, praticamente, toda venda era com nota fiscal.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Pois é, mas essa...

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Então, em querendo, então, é possível não fazer esse levantamento?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Pode fazer.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Vai dar isso, então?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Pode fazer o levantamento qualitativo e quantitativo dos produtos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ BORBA - Tanto da sua quanto a do seu irmão?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É, do estoque. Aliás, foi pedido pela Receita.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Sr. Helvécio, a Quimioterápica, ela... antes de se instalar em Uberlândia, ela tava instalada em que outro Estado? Em que outra cidade?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - A Quimioterápica, ela foi fundada na cidade do Rio de Janeiro, em 1921. O contrato social é de 1930, mas ela iniciou a atividade em 1921. Inclusive, tem aqui a documentação dela, que consta... é... o início da atividade. Ela tem... A Quimioterápica, na década de 20 ou na década de 30, ela foi uma das dez maiores do Brasil. Então, até o advento da 2ª Guerra Mundial, ela... ela foi... entrou em decadência. As multinacionais foram tomando conta do mercado nacional e as empresas nacionais, como as mais antigas, por exemplo a Quimioterápica e o Instituto Campinas, eles foram decaindo. Mas com muito trabalho, muito esforço, muita dedicação e com a abertura que o Governo estava dando para os produtos similares, produtos genéricos, produtos simples, então nós, trabalhando incansavelmente, de dia e de noite, nós conseguimos... é... fazemos, através da nossa farmacêutica, através de consultas, através de pesquisas em várias enciclopédias e em vários... é... livros da farmacopéia brasileira, britânica, americana, nós fizemos cerca de... de sessenta e poucos protocolos pro Ministério da Saúde, pagamos as taxas e tudo mais, e demos entrada, no decorrer do ano passado todo, no Ministério da Saúde — o ano atrasado e o ano passado também. Então, nós dedicamos muito à formulação de novos produtos, produtos similares, como diclofenato de sódio, é... produtos diversos. Tenho aqui a relação de todos eles. E esses produtos, como eles tinham várias apresentações... Uns tinham três, outros tinham quatro, às vezes era cápsula, às vezes era drágea, às vezes era 60 ml, às vezes era 10 ml... Então, seriam... nós iríamos ter... esperaríamos que nós teríamos um total de mais de duzentos registros de estudos. Então, um laboratório com cerca de duzentos registros, bem trabalhado, com muita inteligência, com muita sabedoria, ele pode dar um faturamento mensal de mais de um milhão por mês. Ou, quem sabe, igual ao (*ininteligível*), que fatura 20 milhões... segundo dizem, mais de 20 milhões por mês, e que não tem duzentos registros. Então, a Quimioterápica, ela foi tolhida de uma maneira bárbara, uma maneira muito... muito sofrida, do seu caminho. Então, como eu estava dizendo, ela teria mais de duzentos registros, né? E como os produtos nossos, que tem no... o diário farmacêutico tem todos os produtos quimioterápicos, tem oitenta registros... Então tem o... tem o DEF(?) também. Tem na revista **Kairos**, que é aquela que nos balcões de farmácia todos tem. Então, tem todos os produtos da Quimioterápica lá. Pode comparar, por exemplo... os da Quimioterápica são os mais baratos que tem. A dipirona, ela é vendida por nós a 60

centavos. Era vendida, no caso, antes de ser interditada, e as farmácias revendiam, né, por 1,70. Quer dizer, é um absurdo, né? Nós estávamos sugerindo que eles vendessem a 1,20; no máximo, a um real. Enquanto existe dipirona no mercado, que é vendida a 3 reais, 3,50, 2,80, até 4 reais.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - O senhor sabia que a Quimioterápica, quando estava no Rio de Janeiro, havia sido interditada por descumprimento da Portaria 16?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Ela foi interditada quando o meu tio... antes do meu tio... depois que meu tio... antes dele me vendê-la, pelo fato que, segundo ele me disse, que a vigilância do Rio de Janeiro tava fazendo inspeção em todos os laboratórios do Rio de Janeiro. Aliás, era em todo o Brasil. Foi uma revisão que houve há uns quatro anos atrás, muito rigorosa. Então, todos os laboratórios naquela época, tinham que se adequar às novas leis, às novas exigências. Então tinha que, por exemplo, ter todo o cumprimento de normas, que ela não tinha nas instalações. Por exemplo, as paredes abauladas etc. Então, com isso, o... a divisão de... de aviso do Rio de Janeiro, eles interditaram lá, pra cumprimento de norma, pra que faça uma nova... uma modificação de... de... de local. Então, realmente eu soube disso mesmo, porque ele... Aliás, até ele vendeu por isso, porque ele ficou muito desesperado, ele não tinha recurso financeiro, o meu tio Nilson Peracchi... Então, há cerca de três anos atrás... então houve esse problema realmente; ele tinha que adequar. Como ele não tinha recurso para remodelar o prédio dele lá, então foi que ele vendeu a um preço muito irrisório a Quimioterápica. Quase que deu pra nós a Quimioterápica, porque ele não tinha recursos realmente pra mudar o que tinha que fazer.

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - Isso foi em que ano?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Foi em 96, 97 parece. Nós transferimos para Uberlândia.

O SR. PAULO TARSO DE OLIVEIRA GOMES - Porque é estranho, porque a Medwil também teve problema em São Paulo e foi transferida pra Uberlândia; a Quimioterápica teve problema no Rio, foi interditada, foi transferida pra Uberlândia. Então, parece que essas empresas vão tendo problema nos Estados e vão pra Uberlândia, porque lá... (Risos.)

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não, a Medwil não foi transferida para Uberlândia. Ela não chegou a ser ... não chegou a funcionar em Uberlândia.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Srs. Deputados... Você tem alguma coisa pra concluir?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Não. Eu gostaria de... de... de pedir ajuda de V.Exas. no sentido de que nos ajude a nos... a Quimioterápica precisa ser desinterditada. Ela tem... Eu tenho relação de todos aqui, se os senhores puderem vê-la, né, que nos ajudasse, que desinterditassem a Quimioterápica. Nós precisamos dela pra trabalhar. E nós gostaríamos de público, né, falando diante de V.Exas., autoridades, que é...que gostaríamos de fazer o melhor possível. Lá tem todo o controle de qualidade, espectrofotômetro, tem todo o tipo de aparelhagem pra controle de qualidade, né, é muito bem organizada. É uma empresa que o pessoal mesmo de Uberlândia fala que talvez na região ali não existe nenhuma igual de tão, assim, bem certinha, bem adequada. E, então, é um pecado, né? Outro dia teve lá o pessoal da Vigilância, foi lá pra poder ligar só o alarme, a farmacêutica ainda ficou lá, chorou muito; a moça da Vigilância também chorou também, mas não pode fazer nada. Então, eu gostaria que vocês nos dessem esse apoio, nos dessem esse voto de confiança, nos dessem esse voto de confiança para que nos ajudasse, que ela abrisse e que jamais nós fariamos qualquer coisa errada na Quimioterápica: de vender produto sem nota ou de... nada, nada; fazer que ela funcionasse 100% legalizada, tanto na parte comercial, na parte tributária, como na parte, que já funciona, na parte de...

O SR. DEPUTADO FERNANDO ZUPPO - De qualidade de medicamentos.

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - É. Porque a qualidade dela é muito boa. Ultimamente, nós tínhamos na Quimioterápica quatro farmacêuticas e dois estagiários da Faculdade de Uberlândia. Lá tem uma Faculdade nova de Farmácia, então, lá existia dois estagiários já. Um no controle de qualidade, com a Dra. Sara, que trabalhou no Instituto Butantã, de São Paulo, e uma outra farmacêutica nos ajudando a fazer os relatórios, porque cada relatório a gente demora uma semana ou dez dias pra fazer, pra mandar pra Brasília. Quer dizer, é uma pasta todinha de relatórios, de exigências. Então, ela tem sessenta produtos esperando ser registrados. Então, têm vinte, aqui, que tá aqui a relação deles, que tá só aguardando a desinterdição, porque nós compramos as exigências

e mais vinte produtos, no caso, similares, eles possam ser produzidos por lá, né? Eu tenho aqui, por exemplo, a licença da Polícia Federal, pra funcionar, da Sidone, também da Quimioterápica, também. Tenho... Eu posso ir falando aqui? Falando e mostrando? *(Pausa.)* Então, a Quimioterápica. Aqui está a autorização da Vigilância Sanitária do Estado de Minas Gerais. Isso aqui foi é... não é... é escaneado, né, esse papel aqui. Aqui está da Prefeitura Municipal de Uberlândia, autorização. Aqui está o atestado de Inspeção Ambiental. Aqui está a procuração que o Eduardo fez pra mim, meu irmão. Aqui tá na Junta Comercial. Aqui tá a licença da Polícia Federal. Aqui tá a renovação...

(Não identificado) - Você quer tirar uma xerox?

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Eu pergunto se, se esses documentos poderiam ser fornecidos à Assessoria para que nós pudéssemos tirar uma xerox?

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Posso, posso até deixá-los aqui.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - Pois não. A questão que se faz presente neste momento é que por ordem da Presidência nós somos obrigados a suspender todos os trabalhos que estão sendo realizados nas Comissões. Eu já consultei o nosso Delegado, Dr. Paulo, os Deputados presentes aqui, neste depoimento, nenhum deles tem mais nada a acrescentar e esclarecer ao Sr. Helvécio...

O SR. HELVÉCIO ROMEIRO MIRANDA RANGEL - Sim, senhor.

O SR. COORDENADOR (Deputado Luiz Bittencourt) - ...que o papel da CPI não é este de desinterditar. O papel da CPI é acompanhar as denúncias de irregularidades que chegaram até nós em função de um suposto envolvimento do Laboratório Quimioterápica e Sidone com a fábrica clandestina na cidade de Uberlândia. Nós estamos acompanhando esse trabalho em função de uma visita que, inclusive, foi feita lá, no local, eu, o Deputado Robson Tuma, o Deputado Carlos Mosconi, que é de Minas Gerais, trouxemos uma série de produtos, que foram enviados para análise na USP, mas nós entendemos que o procedimento que está sendo adotado pelo Ministério Público, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, suas correlatas, a Estadual e a Municipal, no Estado de Minas Gerais, a Polícia Federal e a documentação que nós recebemos aqui, na CPI, e enviamos também às autoridades competentes, elas vão poder a hora e a vez permitir com

que a sua indústria seja desinterditada. O que nós entendemos, aqui, e o nosso papel é o de justamente levantar essas informações, esses subsídios, fazer a checagem para que nós possamos esclarecer as dúvidas que existiram lá, no fechamento daquele laboratório, e da possibilidade do envolvimento da Quimioterápica e do Laboratório Sidone, lá na cidade de Uberlândia. O que existe, na realidade, pelo menos, no meu entendimento e no entendimento dos Deputados que aqui estão presentes é que há ainda muita coisa a esclarecer. Existe aí colocações que são feitas de forma subjetiva, equivocadas até por quem está fazendo essas declarações, nós sabemos que prestando declaração sob juramento nós não podemos fazer afirmações que desconhecem a natureza da lei. Está aqui o advogado que acompanhou vocês, os advogados, a ninguém é dado o direito de desconhecer a lei neste País. Então, nós sabemos que existem erros, equívocos gravíssimos, o delegado tem aqui uma série de depoimentos, levantamentos que já foram feitos pela Polícia Federal, nós apenas vamos recomendar, por determinação do Presidente da CPI, Deputado Nelson Marchezan, e o seu Relator, nós vamos recomendar que toda a documentação, todo depoimento, todas as informações por nós colhidas sejam encaminhadas aos órgãos competentes para que nós possamos **a posteriori** fazer uma avaliação realmente do que aconteceu, do que está acontecendo lá na cidade de Uberlândia. Agora, nós agradecemos a presença de vocês aqui. Já havíamos alertado aos advogados a necessidade de vocês virem até para prestar esses esclarecimentos, deixarem documentos e oferecer à CPI a versão que vocês teriam que oferecer pelo fato de não terem sido ouvidos ainda aqui na CPI. Nós ouvimos um lado, o lado da Polícia, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, dos servidores municipais, da imprensa. E nós queríamos que vocês viessem para ouvir aqui. Então, colhemos esse depoimento, cumprimos aqui o nosso papel, certos de que estamos contribuindo para que num futuro próximo, se os senhores estiverem agindo de forma correta, regular, dentro dos limites da lei, evidentemente, vocês vão conseguir reabrir sua empresa. Não havendo, as conseqüências pelos erros cometidos são responsabilidade de cada um. Então, eu declaro encerrada esta sessão. Agradeço a presença de todos e vamos encaminhar essa documentação ao nosso Relator e ao Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito. Muito obrigado.